

THIAGO EDUARDO FREITAS BICALHO  
LUCAS DE PAULA FERNANDES XAVIER  
VITÓRIA CAMILLO DA SILVA MAURÍCIO  
(ORGS.)

DIÁLOGOS ACADÊMICOS E ANCESTRAIS



DO CONGRESSO BRASILEIRO  
DE AFROTURISMO – CBAFRO:

**LIVRO DE RESUMOS I**



Thiago Eduardo Freitas Bicalho  
Lucas de Paula Fernandes Xavier  
Vitória Camillo da Silva Maurício  
(Orgs.)

DIÁLOGOS ACADÊMICOS E ANCESTRAIS  
DO CONGRESSO BRASILEIRO DE  
AFROTURISMO – CBAFRO:  
**LIVRO DE RESUMOS I**

Editora Guia Negro

## **FICHA TÉCNICA**

### **ORGANIZAÇÃO:**

Thiago Eduardo Freitas Bicalho  
Lucas de Paula Fernandes Xavier  
Vitória Camillo da Silva Maurício

### **COMISSÃO DE CONHECIMENTOS DO CBAFRO:**

Altair Sancho Pivoto dos Santos (UFJF)  
Amadeusa Correia Batista (Museu da Cultura Cearense)  
Ana Flávia Andrade de Figueiredo (UFVJM)  
Carolina dos Santos de Oliveira (PUC- Minas)  
Crislaine Custodia Rosa (UFMG)  
Denise Rodrigues (USP)  
Edwaldo Sérgio dos Anjos Júnior (UFJF)  
Guilherme Augusto Pereira Malta (UFJF)  
Guilherme Soares Dias (GUIA NEGRO)  
Heitor Salatiel (GUIA NEGRO)  
Hebert Canela Salgado (UFVJM)  
Joyce Kimarce do Carmo Pereira (UFMG)  
Kerley dos Santos Alves (UFOP)  
Lucas de Paula Fernandes Xavier (CBAFRO)  
Marcelina das Graças de Almeida (UEMG)  
Michel Alves Ferreira (UNEMAT)  
Natália Araújo de Oliveira (UFRGS)  
Renata Felipe Silvino (FUMEC)  
Solano de Souza Braga (UFOP)  
Teresa Cristina de Miranda Mendonça (UFRRJ)  
Thaís Rosa Pinheiro (CONECTANDO TERRITÓRIOS)  
Thiago Eduardo Freitas Bicalho (CBAFRO)  
Vitória Camillo da Silva Maurício (CBAFRO)

### **EQUIPE EDITORIAL:**

Coordenação editorial:  
Thiago Eduardo Freitas Bicalho

Imagem de capa:  
Thiago Eduardo Freitas Bicalho

Revisão de texto:  
Os Autores e Autoras

Produção editorial:  
Marina Ferreira

Projeto gráfico e diagramação:  
Rafaela Bicalho

ISBN:  
978-65-987255-1-8

Capa:  
Thiago Eduardo Freitas Bicalho

Ano e Local de publicação:  
2026, São Paulo/SP

**Forma de referência (ABNT):**

BICALHO, Thiago Eduardo Freitas; XAVIER, Lucas de Paula Fernandes; MAURÍCIO, Vitória Camillo da Silva (Orgs.). *Diálogos acadêmicos e ancestrais do Congresso Brasileiro de Afroturismo – CBAfro*: livro de resumos I. São Paulo: Editora Guia Negro, 2026.

© 2026 Editora Guia Negro.

Esta obra está licenciada sendo permitida a reprodução e o compartilhamento desde que citada a fonte. É vedada a reprodução desta edição, no todo ou em parte, por qualquer meio, sem autorização da editora, exceto nos casos previstos em lei e nos termos da licença adotada. *Os textos publicados são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores.*

**Editora Guia Negro**

Endereço: Rua Domenico Palma, 133, Cupece

Cidade/Estado: São Paulo/SP

Site: [guianegro.com.br](http://guianegro.com.br)

E-mail: [contato@guianegro.com.br](mailto:contato@guianegro.com.br)

Esta obra foi criada no Brasil.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Diálogos acadêmicos e ancestrais do congresso brasileiro de afroturismo CBAFRO [livro eletrônico] : livro de resumos I / Thiago Eduardo Freitas Bicalho, Lucas de Paula Fernandes Xavier, Vitória Camillo da Silva Maurício (orgs.). -- 1. ed. -- Belo Horizonte, MG

:

Guia Negro, 2026.

PDF

Vários autores.

Bibliografia

ISBN 978-65-987255-1-8

1. Afroturismo 2. Ancestralidade 3. Cultura - África 4. Instituições 5. Memória 6. Resistência 7. Turismo - Brasil I. Bicalho, Thiago Eduardo Freitas. II. Xavier, Lucas de Paula Fernandes. III. Maurício, Vitória Camillo da Silva.

26-347668.0

CDD-306.08996081

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Cultura afro-brasileira : Sociologia 306.08996081

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

# SUMÁRIO

<b>PREFÁCIO</b> .....	11
-----------------------	----

*Guilherme Soares Dias*

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	14
---------------------------	----

*Vitória Camillo da Silva Maurício*

*Thiago Eduardo Freitas Bicalho*

*Lucas de Paula Fernandes Xavier*

<b>RESUMOS</b> .....	16
----------------------	----

*Thiago Eduardo Freitas Bicalho*

<b>01. (RE)EXISTÊNCIAS: INICIATIVAS CONTEMPORÂNEAS DE AFROTURISMO E PATRIMÔNIO CULTURAL NEGRO</b> .....	18
---	----

*Maria Fernanda Rodrigues de Castro*

<b>02. A FÉ QUE CANTA E DANÇA: POSSIBILIDADES PARA O AFROTURISMO EM OURO PRETO-MG</b> .....	20
---	----

*Ane Souza*

*Nathalia Machado Moutinho*

<b>03. A RELAÇÃO ENTRE O PATRIMÔNIO MATERIAL E IMATERIAL DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DOS ARTUROS E O AFROTURISMO EM CONTAGEM (MG)</b> .....	22
--	----

*Thalita Regina de Souza Brito*

*Gabrielle Lorrane Vaz Henrique*

<b>04. AFROGRAFIAS DE NITERÓI: ESPAÇO-TEMPO-CORPO NEGRO</b> .....	24
---	----

*Simone Antunes Ferreira*

<b>05. AFROTURISMO E HERANÇA AFRODIASPÓRICA: UM OLHAR SOBRE AS REPRESENTAÇÕES ESPACIAIS NA PEQUENA ÁFRICA DO RIO DE JANEIRO</b> .....	26
---	----

	<i>Nicole das Neves Vieira</i>	
	<i>João Carlos Carvalhaes dos Santos Monteiro</i>	
<b>06. AFROTURISMO E PROMOÇÃO INTERNACIONAL DO BRASIL: ANÁLISE DO PLANO BRASIS (2025-2027)</b>		28
	<i>Natália Araújo de Oliveira</i>	
	<i>Vitória Camillo da Silva Maurício</i>	
<b>07. AFROTURISMO, INOVAÇÃO SOCIAL E DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO</b>		30
	<i>João Carlos Carvalhaes dos Santos Monteiro</i>	
<b>08. AFROTURISMO: PAISAGEM MARCA E MATRIZ NA CAMINHADA JUIZ DE FORA NEGRA</b>		32
	<i>Vitória Camillo da Silva Maurício</i>	
	<i>Guilherme Augusto Pereira Malta</i>	
	<i>Humberto Fois-Braga</i>	
	<i>Pâmella Stéfanie do Nascimento</i>	
<b>09. CAPACITAÇÃO, DIVERSIDADE E INTERNACIONALIZAÇÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE OS WORKSHOPS TRILHAS DO AFROTURISMO INTERNACIONAL</b>		34
	<i>Vitória Camillo da Silva Maurício</i>	
	<i>Natália Araújo de Oliveira</i>	
	<i>Hubber Clemente</i>	
	<i>Tânia Neres</i>	
<b>10. CIRCUITO PALMA PRETA</b>		36
	<i>Ângelo de Oliveira Gomes Teixeira</i>	
	<i>Douglas Aparecido da Silva</i>	
	<i>Hanster Aparecido da Silva</i>	
	<i>Marcos Eduardo Carvalho Gonçalves Knupp</i>	
	<i>Nathalia Machado Moutinho</i>	
	<i>Solano de Souza Braga</i>	

**11. COMUNIDADE, CULTURA E TURISMO EM MOVIMENTO NO QUILOMBO DO AÇUDE/MG.....38**

*Amanda Soares da Silva*  
*Christianne Luce Gomes*

**12. ENTRE DESTINO E PERTENCIMENTO: A EXPERIÊNCIA DE PESSOAS NEGRAS NO TURISMO.....40**

*Rafaela de Azevedo Silva*  
*Solano Braga*

**13. ENTRE PANEIAS E PATRIMÔNIO: A CENTRALIDADE DO SABER FEMININO NA GASTRONOMIA MINEIRA E A QUESTÃO DE GÊNERO .....42**

*Ruth Gaia*  
*Denise Falcão*

**14. ENTRE PORTOS E CAIS: GUIAMENTOS E RECAMINHOS DA PEQUENA ÁFRICA CARIOCA.....44**

*Alice Santos*  
*Lucas Kimer*  
*Simone Antunes Ferreira*

**15. ESCRIVIVÊNCIA NA ACADEMIA .....46**

*Leila Camila Barbosa Moreira*  
*Letícia Bianca Barros de Moraes Lima*

**16. EXPEDIÇÃO VALE DO OJÔ: AFROTURISMO EM OURO PRETO-MG.....48**

*Ângelo de Oliveira Gomes Teixeira*  
*Douglas Aparecido da Silva*  
*Hanster Aparecido da Silva*  
*Lucas Gontijo de Godoy*  
*Marcos Eduardo Carvalho Gonçalves Knupp*  
*Nathalia Machado Moutinho*  
*Solano de Souza Braga*

**17. FÉ, DEVOÇÃO E TRADIÇÃO: A TRANSFORMAÇÃO HISTÓRICA DA FESTA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS DE SUCURIÚ** ..... 50

*Rian Santos do Patrocinio Figueiró*

*Maria de Lourdes Santos Ferreira*

**18. MÃOS QUE CONSTROEM MEMÓRIAS E SONHOS: ENTREVISTA COM OS MESTRES DUCA JOÃO DE BARRO E ARLINDO GODÓIA SOBRE A RESTAURAÇÃO DA MINA DU VELOSO** ..... 52

*Eduardo Evangelista Ferreira*

**19. MAPA DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE AFROTURISMO NO PORTAL PUBLICAÇÕES DE TURISMO DA ANPTUR**..... 54

*Natália Araújo de Oliveira*

*Vitória Camillo da Silva Maurício*

**20. NOVEMBRO DA CONSCIÊNCIA NEGRA DA FUMEC: AVANÇOS, PERTENCIMENTO E FORTALECIMENTO COLETIVO** ..... 56

*Camila Danielle Dias*

*Flávia Nolasco Reis*

*Adriana Borges Teixeira*

*Renata Felipe Silvino*

**21. O AFRO NO TURISMO: UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO-APRENDIZAGEM DECOLONIAL EM UM CURSO DE TURISMO DO PARANÁ** ..... 58

*Renata Cristina Simões de Oliveira*

**22. O MOVIMENTO HIP-HOP DE BELO HORIZONTE COMO PRODUTOR DE CONHECIMENTO: O PAPEL DOS MC'S COMO GRIOTS MODERNOS** ..... 60

*Matheus Alves Magalhães*

*Bárbara Bruna Ramalho*

**23. PATRIMÔNIO DE PEDRA, PESSOAS DE CARNE: AS DORES INVISÍVEIS E O ENCOBRIMENTO CULTURAL NO TURISMO COLONIAL DE DIAMANTINA/MG ..... 62**

*Rafael Patrício Ribeiro*

**24. PERCURSOS NEGROS EM NITERÓI ..... 64**

*Simone Antunes Ferreira*

*Lucas Vinícius Kimer de França*

*Kauã de Almeida Cruz*

*Felipe Claro de Paula*

*Alice Santos da Silva*

*Jorge Luiz Barbosa*

**25. PRETOS VELHOS E A SUSTENTABILIDADE ANCESTRAL 66**

*Talita Bruno de Azevedo*

**26. SANKOFA - PATRIMÔNIO AFRO-BRASILEIRO E ECONOMIA AFROCRIATIVA EM OURO PRETO - MG ..... 68**

*Ingrid Chaves Lima Ferreira Guimarães*

*Marcos Eduardo Carvalho Gonçalves Knupp*

*Nathalia Machado Moutinho*

*Solano de Souza Braga*

**27. TERRITÓRIO, ANCESTRALIDADE E EDUCAÇÃO: A EXPERIÊNCIA DA HORTA E DA FESTA DO JOÃO DO MATO NOS ARTUROS ..... 70**

*Silvani dos Santos Valentim*

*Gabrielle Lorrane Vaz Henrique*

*Rafael Braga Diogo*

**28. VALORIZAR O PASSADO, PRESERVAR O PRESENTE E  
SONHAR O FUTURO: ENTRE MEMÓRIAS E SUBJETIVAÇÕES  
DECOLONIAIS DE JUVENTUDES NEGRAS PERIFÉRICAS..... 72**

*Levi de Freitas Costa Araújo*

*Lívia Maria de Sousa Araújo*

*João Paulo Pereira Barros*

**CARTA BELO HORIZONTE DO AFROTURISMO ..... 74**

**INDICE REMISSIVO ..... 78**



# PREFÁCIO

Guilherme Soares Dias <sup>1</sup>



---

<sup>1</sup> Jornalista, fundador do Guia Negro, consultor em diversidade e viajante, [contato@guianegro.com.br](mailto:contato@guianegro.com.br)

## **Afroturismo: conhecendo o Brasil de dentro**

Acompanhar o crescimento do afroturismo no Brasil tem sido uma missão prazerosa e de muito trabalho. O Congresso Brasileiro de Afroturismo (CBAfro), realizado entre 3 e 5 de dezembro de 2025, trouxe os movimentos dos encontros, das trocas e da potência de pessoas negras juntas falando sobre viagens e diversidade, mas também produzindo conhecimento sobre elas. O grande tempero foi a afromineirade, protagonista de um evento sediado em Belo Horizonte produzido e pautado pela negritude.

Esse livro de resumos traz esse caldo cultural dos trabalhos apresentados por lá. Ouro Preto, cidade histórica mineira, com forte presença da diáspora africana, aparece em textos sobre o apagamento das memórias negras; no dossiê fotográfico da festividade “A Fé que Canta e Dança”; numa análise sobre o Circuito Palma Preta; dossiê sobre as cozinhas no centro histórico; dossiê fotográfico “Expedição Vale do Ojô” (antigo território minerário); entrevistas com os mestres Duca João de Barro, Arlindo Godóia e Eduardo Evangelista Ferreira sobre a restauração da Mina Du Veloso; análise de como o patrimônio afro-brasileiro pode contribuir para a economia criativa na cidade.

Já Contagem (MG) é palco do texto que analisa o patrimônio material e imaterial do Quilombo dos Arturos e também em artigo que investiga o processo de consolidação da horta comunitária e a retomada da Festa do João do Mato na Comunidade Quilombola dos Arturos. Juiz de Fora, por sua vez, aparece na análise de como a Caminhada Negra ressignifica marcas da paisagem urbana.

O Quilombo do Açude, em Jaboticatubas (MG) tem suas ações culturais mapeadas. Francisco Badaró (MG) aparece em artigo que analisa as transformações históricas da Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Sucuriú. Enquanto Diamantina (MG) é pauta da análise sobre o velamento/encobrimento das religiões de matriz africana (Candomblé e Umbanda). E a capital mineira, Belo Horizonte, é abordada no texto que fala sobre o movimento do Hip-hop como produtor de conhecimento.

Os trabalhos do e sobre o Rio de Janeiro foram bastante presentes, como os registros fotográficos realizados durante o “Percurso de memórias negras de Niterói (RJ)”; olhar sobre representações

espaciais na Pequena África; dossiê fotográfico que evidencia a Pequena África como território de memória afro-brasileira; e os percursos de memória negra em Niterói;

Outros territórios Brasil adentro também ganharam atenção, como o trabalho que aborda o afro no turismo a partir de uma experiência de aprendizagem decolonial em um curso de Turismo no Paraná.

Também há análises mais globais, como o trabalho que investiga a inserção do afroturismo no Plano Brasil – Plano Internacional de Marketing Turístico 2025-2027; relato de sobre os workshops Trilhas do Afroturismo Internacional, promovidos pela Embratur; sistematização sobre a produção científica sobre afroturismo no portal da ANPTUR; análise sobre trabalhos e resultados do evento “Novembro da Consciência Negra da FUMEC”; além do que busca reconhecer os Pretos Velhos - guias espirituais da religiosidade afro-brasileira - como fontes de pesquisa territorial e científica; e a análise do afroturismo enquanto fenômeno de inovação social que produz desenvolvimento de comunidades afrodescendentes.

Há ainda trabalhos que fazem análises de temas mais ligados a subjetividades, como o que analisa afroturismo como resposta ao apagamento histórico e simbólico da população negra no turismo; outro que aborda a formação do sujeito negro em contextos marcados pelo racismo estrutural, institucional e acadêmico; e uma discussão sobre as relações entre memória e os processos de subjetivação de juventudes negras periféricas.

A obra é, portanto, uma oportunidade de conhecer o Brasil de dentro e por dentro, pelo olhar daqueles que o construíram e o fazem. Uma viagem diversa, complexa, transformadora e cheia de possibilidades, daquelas que nos transportam e transformam. Boa leitura e viva o afroturismo!



# APRESENTAÇÃO

Vitória Camillo da Silva Maurício <sup>1</sup>

Thiago Eduardo Freitas Bicalho <sup>2</sup>

Lucas de Paula Fernandes Xavier <sup>3</sup>



---

<sup>1</sup> Mestra em Geografia, Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, [camillo.vitoria@gmail.com](mailto:camillo.vitoria@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutorando em Educação e Mestre em Educação Tecnológica pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET/MG, [contato@thiagobicalho.com.br](mailto:contato@thiagobicalho.com.br);

<sup>3</sup> Turismólogo com MBA em Gestão de Projetos, Co-organizador do CBAfro, [Xavier.turismologo@gmail.com](mailto:Xavier.turismologo@gmail.com)

Você já pensou em um evento totalmente dedicado ao Afroturismo? No ano de 2025 foi exatamente assim com a realização do I Congresso Brasileiro de Afroturismo (CBAfro) que aconteceu de 3 a 5 de dezembro de 2025, em Belo Horizonte (MG). Um espaço de trocas constantes, construção coletiva, sabores e apresentações culturais de riqueza inenarrável.

O CBAfro reuniu pessoas de diferentes localidades e, apesar dos desafios, conseguiu realizar uma parte acadêmica que recebeu diversos elogios. Um deles é o reconhecimento de que estamos reescrevendo a história atual, orgulhando nossos ancestrais. Ao mesmo tempo, proporcionamos diversas possibilidades de futuro para os nossos descendentes. Fizemos um evento e, agora, entregamos um livro em que apresentamos uma perspectiva na qual nós, pessoas negras, somos protagonistas.

Estes são resumos submetidos à Comissão de Conhecimentos do evento. A diversidade regional dos trabalhos recebidos soma-se à diversidade epistemológica, considerando que os trabalhos são fruto de variadas áreas do saber e representam diferentes formas de produzir conhecimento. Na prática, estamos escrevendo alguns dos passos do Afroturismo no Brasil. O CBAfro fez isso e todos os trabalhos reunidos aqui também.

Longe da perfeição e relativamente distante da limitante rigorosidade acadêmica, a Comissão de Conhecimentos do CBAfro 2025 apresenta este livro de resumos como uma escolha consciente — consciente da potência que somos. Essa opção epistemológica nos permite afirmar que este é, também, um livro de tesouros. As produções aqui publicadas serão referências significativas para os estudos em Afroturismo no Brasil no presente e no futuro. E eles serão, se assim o universo quiser, superados por trabalhos e referências ainda melhores.



# RESUMOS

Thiago Eduardo Freitas Bicalho <sup>1</sup>



---

<sup>1</sup> Doutorando em Educação e Mestre em Educação Tecnológica pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET/MG, [contato@thiagobicalho.com.br](mailto:contato@thiagobicalho.com.br);

Mestres/mestras da cultura popular, atores territoriais, estudantes, profissionais, professores(as) e pesquisadores(as) tiveram um período de submissão de propostas de trabalhos que se adequassem ao tema geral do Congresso e dialogassem com as áreas temáticas propostas.

As sessões de conhecimentos do Diálogos Acadêmicos e Ancestrais são espaços de interlocução e debate sobre a temática proposta, valorizando e construindo um novo fazer na ciência e na sociedade através de três categorias: **Relatos de investigações científicas** (concluídas ou em andamento); **Dossiê fotográfico** de comunidades, experiências e roteiros de Afroturismo; ou **Entrevistas** com mestres e mestras.

Os Diálogos Acadêmicos e Ancestrais do CBAfro contou com 27 produções aprovadas composta por 81 autores e autoras que estiveram reunidos no dia 04 de dezembro, na Universidade Fumec, para partilhar seus conhecimentos.

As apresentações foram feitas nas modalidades presencial ou remota, ampliando a participação de pesquisadorxs, guias, mestres e comunidades de todo o país. A distribuição das apresentações presenciais foram feitas por Sessões de Conhecimento (SC), que a Coordenação Geral estipulou sua distribuição em 7 temas: **SC** Online; **SC1** "Educação e Relações Etnico-Raciais no Turismo"; **SC2** "Turismo e Cultura Preta no Rio de Janeiro"; **SC3** "Patrimônio imaterial, gastronomia e viajantes pretos"; **SC4** "Ressignificando Ouro Preto: Um Território, Múltiplas Narrativas"; **SC5** "Múltiplos olhares ao Afroturismo"; **SC6** "Território, Memória, Patrimônio e Cultura nas Minas Gerais"

Os resumos presentes neste livro compõem as apresentações realizadas nas Sessões de Conhecimento que foram transmitidas no *Youtube* oficial da Universidade FUMEC.



# 01. (RE)EXISTÊNCIAS: INICIATIVAS CONTEMPORÂNEAS DE AFROTURISMO E PATRIMÔNIO CULTURAL NEGRO

Maria Fernanda Rodrigues de Castro <sup>1</sup>


---

<sup>1</sup> Mestre em Turismo e Patrimônio pela Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP, [maria.frc@aluno.ufop.edu.br](mailto:maria.frc@aluno.ufop.edu.br)

## RESUMO

O presente trabalho deixa claro que propõe refletir sobre o apagamento das memórias negras em Ouro Preto - Minas Gerais e sobre a importância do afroturismo aliado à educação como estratégia de valorização da herança africana no patrimônio local. Ao percorrer as ruas da cidade, percebe-se que as narrativas oficiais exaltam o legado colonial e os heróis da Inconfidência, enquanto silenciam a contribuição do povo negro na construção e no desenvolvimento da antiga Vila Rica. Essa ausência também se expressa na configuração urbana: conforme Félix (2019), “quase não vemos a presença negra no centro da cidade [...] ao contraponto de que é uma cidade constituída por pretos”. Com o declínio da mineração e o avanço do turismo, a população negra foi sendo empurrada para as periferias (Ferreira, 2022), onde, segundo Bueno (2019), formaram-se “ocupações periféricas nas encostas da serra”. A presente pesquisa, baseada em levantamento bibliográfico e em questionário aplicado a docentes, evidencia que, embora muitos reconheçam a importância da Lei 10.639/2003, ainda há lacunas na sua aplicação. Assim, reafirma-se que o afroturismo e a educação patrimonial são caminhos para reverter narrativas eurocêntricas, promover o pertencimento e reconstruir as identidades negras silenciadas na história e no imaginário turístico de Ouro Preto.

**Palavras-chave:** Ouro Preto, Afroturismo, Educação, Minas.



## 02. A FÉ QUE CANTA E DANÇA: POSSIBILIDADES PARA O AFROTURISMO EM OURO PRETO- MG

Ane Souza <sup>1</sup>

Nathalia Machado Moutinho <sup>2</sup>

---


<sup>1</sup> Fotógrafa. Graduanda em Filosofia pela Universidade Federal de Ouro Preto, [ana.alves1@aluno.ufop.edu.br](mailto:ana.alves1@aluno.ufop.edu.br)

<sup>2</sup> Gastróloga pelo Centro Universitário Augusto Motta (RJ). Bacharel em Turismo pela Universidade Federal de Ouro Preto. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Turismo e Patrimônio pela Universidade Federal de Ouro Preto, [nathalia.moutinho@aluno.ufop.edu.br](mailto:nathalia.moutinho@aluno.ufop.edu.br)

## RESUMO

O dossiê fotográfico analisa a festividade “A Fé que Canta e Dança” – Reinado de Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e São Benedito da cidade Ouro Preto–MG, compreendendo-a como uma possibilidade concreta para o fortalecimento do Afroturismo na cidade e para a valorização do patrimônio afro-brasileiro. Apesar de amplamente reconhecida por seu acervo arquitetônico e histórico, a cidade de Ouro Preto ainda carece de políticas turísticas e patrimoniais que contemplem de forma justa a contribuição africana em sua formação social, cultural e simbólica. O Congado, registrado como patrimônio imaterial, é uma celebração afro-brasileira que resiste à invisibilização da história negra no Brasil e afirma a presença viva dessas memórias no território. Com base em uma abordagem qualitativa, ancorada na observação não-participante e na revisão bibliográfica, o trabalho mobiliza conceitos de afroturismo e patrimônio para compreender como o Reinado pode dialogar com práticas afroturísticas. Os resultados indicam que a festividade, para além de reafirmar a identidade negra ouropretana, constitui-se como alternativa potente ao turismo tradicional, promovendo experiências centradas na memória, na ancestralidade e na resistência. Ao aproximar o Reinado das práticas afroturísticas, este dossiê propõe um convite a repensar as narrativas patrimoniais e turísticas da cidade, reconhecendo a centralidade das culturas afro-brasileiras na construção de Ouro Preto.

**Palavras-chave:** Afroturismo, Patrimônio Cultural Afro-brasileiro, Reinado de Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e São Benedito, Congado, Ouro Preto.



### 03. A RELAÇÃO ENTRE O PATRIMÔNIO MATERIAL E IMATERIAL DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DOS ARTUROS E O AFROTURISMO EM CONTAGEM (MG)

Thalita Regina de Souza Brito <sup>1</sup>  
Gabrielle Lorrane Vaz Henrique <sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Graduada em Turismo pela Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG com Pós-graduação *lato sensu* em Planejamento Ambiental Urbano (PUC Minas) e Gestão Estratégica de Marketing (SENAC). Pós-graduanda *lato sensu* em Gestão Pública de Turismo e Desenvolvimento Regional (UFJF), [thalitaregina1@hotmail.com](mailto:thalitaregina1@hotmail.com)

<sup>2</sup> Graduada em História pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas, nas modalidades de Licenciatura e Bacharel. Pós-graduação “*lato sensu*” em Gestão e Projetos de Patrimônio Cultural, oferecido em parceria entre a UEMG e o Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico (Iepha-MG). Mestranda em Educação Tecnológica CEFET- MG, [Gabriellelvh@gmail.com](mailto:Gabriellelvh@gmail.com)

## RESUMO

A comunidade quilombola dos Arturos, localizada no município de Contagem, Minas Gerais, constitui um dos mais expressivos exemplos de preservação do patrimônio cultural afro-brasileiro. Este trabalho analisa a relação entre o patrimônio material e imaterial presente nesse território e o fortalecimento do afroturismo local, entendido como uma prática que valoriza as memórias, saberes e identidades negras. O estudo adota abordagem qualitativa, baseada em revisão bibliográfica, observação in loco e análise interpretativa dos elementos culturais e turísticos da comunidade. O patrimônio imaterial manifesta-se nas festas do Rosário, nas tradições do Congado, na oralidade e nas práticas religiosas que reafirmam a ancestralidade africana, enquanto o patrimônio material se expressa nos espaços simbólicos, nos instrumentos rituais e nas edificações que sustentam a vida comunitária. A articulação entre esses bens permite compreender como os Arturos mantêm viva a herança cultural e a transmitem às novas gerações. O afroturismo, ao reconhecer e valorizar essas manifestações, apresenta-se como ferramenta de educação patrimonial e de promoção da igualdade racial, contribuindo para o desenvolvimento sustentável e o fortalecimento identitário da comunidade. Assim, o estudo evidencia que a integração entre patrimônio e turismo, quando conduzida com respeito e participação comunitária, é essencial para a valorização das culturas afrodescendentes.

**Palavras-chave:** Comunidade Quilombola dos Arturos, Patrimônio cultural, Afroturismo, Contagem, Identidade afro-brasileira.



## 04. AFROGRAFIAS DE NITERÓI: ESPAÇO-TEMPO-CORPO NEGRO

Simone Antunes Ferreira <sup>1</sup>


---

<sup>1</sup> Professora da educação básica e doutoranda do PPGeo/UFF. Niterói, [simoneaf@id.uff.br](mailto:simoneaf@id.uff.br)

## **RESUMO**

Este trabalho visa apresentar alguns registros fotográficos realizados durante o “Percurso de memórias negras de Niterói” projeto de cunho educacional que tem como objetivo articular educação, cultura, arte e turismo através das afrografias da memórias de Niterói. Realizado nos últimos quatro anos, as fotografias narram os lugares de memória negras inspirados pelos valores civilizatórios afro-brasileiros desenvolvidos por Azoilda Loretto da Trindade, pela Amefricanidade desenvolvida por Lélia Gonzalez para traduzir as confluências entres saberes e culturas africanas ao longo do processo diaspórico nas Américas e pelas Afrografias de Leda Maria Martins nos conduzindo para entender a importância do corpo negro no tempo e no espaço, como territorialidades em r-existência. Nesse sentido, a proposta do dossiê fotográfico é guiado por três mulheres negras intelectuais cujas contribuições são essenciais para a construção das metodologias de pesquisa que deu origem ao projeto de educação patrimonial e turismo pedagógico “Percurso de memórias negras de Niterói”. É uma tentativa de traduzir em imagens o legado africano inscrito nas paisagens, tal como uma represa de tempos, que permite diálogos entre passado, presente e futuro na perspectiva de visibilizar as marcas histórica população negra. Para isso, o trabalho contou com a sensibilidade e o profissionalismo do fotógrafo Léo Balboa que participa ativamente das caminhadas com o projeto e disponibilizou suas fotografias para compor este dossiê.

**Palavras-chave:** Afrografias, Memória urbana, Niterói



# 05. AFROTURISMO E HERANÇA AFRODIASPÓRICA: UM OLHAR SOBRE AS REPRESENTAÇÕES ESPACIAIS NA PEQUENA ÁFRICA DO RIO DE JANEIRO

Nicole das Neves Vieira <sup>1</sup>

João Carlos Carvalhaes dos Santos Monteiro <sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, [nicolevieira0903@gmail.com](mailto:nicolevieira0903@gmail.com)

<sup>2</sup> Professor orientador: Doutor, Departamento de Geografia Humana - UERJ, [joacarlosmonteiro.uerj@gmail.com](mailto:joacarlosmonteiro.uerj@gmail.com)

## RESUMO

Nas últimas décadas, mudanças na zona portuária do Rio de Janeiro foram estimuladas pela ocorrência de importantes megaeventos internacionais, fomentando transformações por meio de operações urbanas como o projeto Porto Maravilha. Tal operação engendrou obras e intervenções significativas na área, objetivando, primeiramente, os interesses de grupos hegemônicos responsáveis por esse projeto e invisibilizando grupos subalternizados presentes no território. Durante as intervenções, escavações desvelaram as ruínas do Cais do Valongo, considerado um importante ponto de chegada de pessoas escravizadas trazidas de África. Nesse contexto, em meio aos anseios da turistificação e da regeneração urbana, as representações em torno da chamada “Pequena África” passam a ser disputadas por agentes públicos e privados, os quais almejam utilizar a sua história para legitimar a construção de representações espaciais, e por representantes sociais, que reivindicam a valorização da herança africana no local. A apresentação trata de uma pesquisa em andamento, que debate a atuação do afroturismo nesse panorama, tendo em vista que esses guiamentos podem corroborar para a valorização do passado afrodiaspórico de espaços em meio a disputas de representações. Metodologicamente, foram realizadas entrevistas semiestruturadas e utilizadas ferramentas de geoprocessamento para confecção de mapas, possibilitando um melhor entendimento sobre a atividade turística afrocentrada na Pequena África carioca.

**Palavras-chave:** Afroturismo, Representações, Pequena África, Rio de Janeiro.



## 06. AFROTURISMO E PROMOÇÃO INTERNACIONAL DO BRASIL: ANÁLISE DO *PLANO BRASIS* (2025-2027)

Natália Araújo de Oliveira <sup>1</sup>

Vitória Camillo da Silva Maurício <sup>2</sup>

---


<sup>1</sup> Doutora em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, [oliveira.natalia@outlook.com](mailto:oliveira.natalia@outlook.com)

<sup>2</sup> Mestra em Geografia, Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, [camillo.vitoria@gmail.com](mailto:camillo.vitoria@gmail.com)

## RESUMO

O presente trabalho analisa a inserção do afroturismo no *Plano Brasis – Plano Internacional de Marketing Turístico 2025-2027*, lançado pela Embratur em parceria com o Sebrae e o Ministério do Turismo. A pesquisa, de caráter documental, examina o *Plano Brasis* nacional e os 27 planos estaduais, buscando compreender de que forma o afroturismo é reconhecido como estratégia de promoção internacional e valorização da diversidade cultural brasileira. Os resultados indicam que, embora o plano nacional destaque o tema como dimensão essencial da imagem turística do Brasil, ele é tratado como nicho e não como segmento, além de não mencionar o protagonismo negro. Nos planos estaduais, o afroturismo aparece de maneira desigual: em alguns estados é classificado como nicho, em outros como segmento, e em vários não é mencionado. Apenas seis estados — Amapá, Bahia, Goiás, Maranhão, Pernambuco e Piauí — apresentam descrições mais detalhadas sobre experiências e patrimônios culturais afro-brasileiros. Observa-se, contudo, que mesmo onde o tema é aprofundado, sua classificação como nicho limita o reconhecimento do afroturismo como eixo estratégico de promoção turística. Conclui-se que a inclusão efetiva do afroturismo nas políticas e planos de marketing é fundamental para fortalecer a imagem do Brasil como destino plural, inclusivo e comprometido com a valorização de sua herança africana.

**Palavras-chave:** Afroturismo, Embratur, Plano Brasis, Protagonismo negro



## 07. AFROTURISMO, INOVAÇÃO SOCIAL E DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO

João Carlos Carvalhaes dos Santos Monteiro <sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Professor; Doutor, Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ, Maracanã) – RJ, [joacarlosmonteiro.uerj@gmail.com](mailto:joacarlosmonteiro.uerj@gmail.com)

## RESUMO

Apresenta-se pesquisa em desenvolvimento que busca avaliar o afroturismo na cidade do Rio de Janeiro enquanto fenômeno de inovação social capaz de promover o desenvolvimento de comunidades afrodescendentes. Entendido enquanto um micronicho do setor do turismo, o afroturismo se destaca como ferramenta de luta pela igualdade racial e de promoção de desenvolvimento socioeconômico de comunidades. Trata-se, portanto, de uma tecnologia de inovação social, por ter como principal motivação a transformação de realidades sociais, fomentando o surgimento de produtos, serviços e processos que repercutem em melhorias para as comunidades. Dessa maneira, o afroturismo tem o potencial de preencher as lacunas da cidadania plena de indivíduos afrodescendentes, historicamente cerceados pelas injustiças raciais que operam no conjunto das sociedades. A pesquisa propõe identificar os agentes do afroturismo na cidade do Rio de Janeiro, de forma cartografar e reconhecer a sua distribuição geográfica; compreender as estratégias empregadas na concepção de seus produtos e ações afrocentrados; identificar as demandas desses agentes para o fortalecimento da atividade; e avaliar os impactos dessa tecnologia de inovação social no desenvolvimento comunitário.

**Palavras-chave:** Afroturismo, Inovação social, Desenvolvimento comunitário, Rio de Janeiro.



## 08. AFROTURISMO: PAISAGEM MARCA E MATRIZ NA CAMINHADA JUIZ DE FORA NEGRA

Vitória Camillo da Silva Maurício <sup>1</sup>

Guilherme Augusto Pereira Malta <sup>2</sup>

Humberto Fois-Braga <sup>3</sup>

Pâmella Stéfanie do Nascimento <sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, [camillo.vitoria@gmail.com](mailto:camillo.vitoria@gmail.com)

<sup>2</sup> Professor Doutor do Departamento de Turismo da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, [guilherme.malta@ufjf.br](mailto:guilherme.malta@ufjf.br)

<sup>3</sup> Doutor em Letras: Estudos Literários pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professor vinculado ao Departamento de Turismo da UFJF, [humfois@gmail.com](mailto:humfois@gmail.com)

<sup>4</sup> Pós graduada em Empreendedorismo social e negócio de impacto pela Faculdade Superior do Lago - FAESLA, [pamelastefaniejf96@gmail.com](mailto:pamelastefaniejf96@gmail.com)

## RESUMO

Este trabalho reflete uma pesquisa de natureza qualitativa e exploratória em andamento. Busca-se compreender de que modo a iniciativa de afroturismo *Caminhada Juiz de Fora Negra* revela e ressignifica marcas da paisagem urbana a partir de uma matriz afrocentrada. O afroturismo é entendido como uma prática turística afrocentrada e antirracista, voltada à valorização e à reconexão com as identidades negras (Rodrigues, 2021; Oliveira, 2020). Parte-se do entendimento de que a paisagem expressa relações entre cultura, natureza e poder (Berque, 1998; Cosgrove, 2012). Nessa perspectiva, a paisagem-marca (Berque, 1998) corresponde às transformações materiais deixadas pela ação humana, enquanto a paisagem-matriz (Berque, 1998) reúne os valores, percepções e símbolos que orientam essas transformações e o próprio entendimento da paisagem. Metodologicamente, foram realizadas observação participante (França *et al*, 2022) e na análise de narrativas em *walking tours* realizados em 2024. Os resultados parciais indicam que o guiamento da CJFN atua como um dispositivo de leitura da paisagem, revelando camadas históricas e simbólicas da cidade sob um olhar afrocentrado.

**Palavras-chave:** Paisagem cultural, Turismo, Geografias Negras, Passeio guiado, Afroinscrições.



# 09. CAPACITAÇÃO, DIVERSIDADE E INTERNACIONALIZAÇÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE OS WORKSHOPS *TRILHAS DO AFROTURISMO INTERNACIONAL*

Vitória Camillo da Silva Maurício <sup>1</sup>

Natália Araújo de Oliveira <sup>2</sup>

Hubber Clemente <sup>3</sup>

Tânia Neres <sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> Mestra em Geografia, Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, [camillo.vitoria@gmail.com](mailto:camillo.vitoria@gmail.com);

<sup>2</sup> Doutora em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, [oliveira.natalia@outlook.com](mailto:oliveira.natalia@outlook.com);

<sup>3</sup> Presidente da Associação Brasileira de Afroturismo, [hubberclemente@gmail.com](mailto:hubberclemente@gmail.com)

<sup>4</sup> Coordenadora de Afroturismo, Diversidade e Povos Indígenas na Embratur - [tania.neres@embratur.com.br](mailto:tania.neres@embratur.com.br).

## RESUMO

O trabalho apresenta um relato de experiência sobre os workshops *Trilhas do Afroturismo Internacional*, promovidos pela Embratur em parceria com o Banco de Desenvolvimento da América Latina e Caribe (CAF) no contexto de fortalecimento institucional do afroturismo no Brasil. Realizados em formato presencial e online, os encontros reuniram mais de 700 participantes em diferentes regiões do país, promovendo a difusão do *Guia Prático de Igualdade Racial no Turismo* e o diálogo entre agentes públicos e privados do turismo. Os resultados evidenciam o protagonismo das mulheres negras, a diversidade regional e profissional e o fortalecimento de redes colaborativas, reafirmando o afroturismo como prática de valorização das identidades negras e instrumento de transformação social e política no turismo brasileiro.

**Palavras-chave:** Afroturismo, Embratur, Turismo antirracista, Cooperação afro-latino-americana.



## 10. CIRCUITO PALMA PRETA

Ângelo de Oliveira Gomes Teixeira <sup>1</sup>

Douglas Aparecido da Silva <sup>2</sup>

Hanster Aparecido da Silva <sup>3</sup>

Marcos Eduardo Carvalho Gonçalves Knupp <sup>4</sup>

Nathalia Machado Moutinho <sup>5</sup>

Solano de Souza Braga <sup>6</sup>

---

<sup>1</sup> Historiador, Mestre e Doutorando em História pela Universidade Federal de Ouro Preto. Integrante do Circuito Palma Preta. [angelo.teixeira@aluno.ufop.edu.br](mailto:angelo.teixeira@aluno.ufop.edu.br)

<sup>2</sup> Bacharel em Filosofia pela Universidade Federal de Ouro Preto. Integrante do Núcleo de Pesquisa Palma Preta. [aparecidoouopreto@gmail.com](mailto:aparecidoouopreto@gmail.com)

<sup>3</sup> Graduando em Geografia pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais – Campus Ouro Preto. Fotógrafo, agente cultural e integrante do Coletivo Palma Preta. [hanster.vr@gmail.com](mailto:hanster.vr@gmail.com)

<sup>4</sup> Professor no Curso de Turismo e Professor no Programa de pós-graduação em Turismo e Patrimônio da Universidade Federal de Ouro Preto. [marcosknupp@ufop.edu.br](mailto:marcosknupp@ufop.edu.br)


<sup>5</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Turismo e Patrimônio pela Universidade Federal de Ouro Preto. [nathalia.moutinho@aluno.ufop.edu.br](mailto:nathalia.moutinho@aluno.ufop.edu.br)

<sup>6</sup> Professor no Curso de Turismo e Professor no Programa de pós-graduação em Turismo e Patrimônio da Universidade Federal de Ouro Preto. [solano@ufop.edu.br](mailto:solano@ufop.edu.br)

## RESUMO

O presente artigo analisa o Circuito Palma Preta, em Ouro Preto, como prática de afroturismo que valoriza a presença africana na formação urbana, cultural e mineradora da cidade. Parte-se do entendimento de que o patrimônio deve ser lido não apenas como herança material, mas como expressão de saberes, técnicas e resistência, frequentemente silenciados nas narrativas oficializadas. O artigo articula fundamentos do Afroturismo, do Turismo de Base Comunitária e do Turismo Criativo, promovendo experiências imersivas que conectam sustentabilidade, inovação e valorização cultural. Metodologicamente, a pesquisa adota abordagem qualitativa, com observação de campo e análise de conteúdo das experiências produzidas durante os roteiros, buscando compreender como estas práticas tensionam as narrativas a partir de epistemologias afrocentradas. Os resultados evidenciam que o Circuito Palma Preta possibilita uma leitura afrocentrada de Ouro Preto, destacando a contribuição técnica, científica e artística dos povos africanos e seus descendentes para a construção e o desenvolvimento da cidade. As experiências oferecidas promovem turismo antirracista e inclusivo, fortalecem o protagonismo afro-brasileiro e contribuem para a consolidação de um ecossistema afroempreendedor. O estudo demonstra que, ao revelar histórias silenciadas, o Circuito Palma Preta amplia a compreensão histórica e cultural da cidade.

**Palavras-chave:** Afroturismo, Ouro Preto, Circuito Palma Preta.



# 11. COMUNIDADE, CULTURA E TURISMO EM MOVIMENTO NO QUILOMBO DO AÇUDE/MG

Amanda Soares da Silva <sup>1</sup>

Christianne Luce Gomes <sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Mestranda do curso de Pós-Graduação dos Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG; Bolsista CAPES; integrante do grupo de pesquisa LUCE - Ludicidade, Cultura e Educação; [amandasoarestur@hotmail.com](mailto:amandasoarestur@hotmail.com)

<sup>2</sup> Professora da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG; Pesquisadora do CNPq. Líder do grupo de pesquisa LUCE - Ludicidade, Cultura e Educação; [chrislucegomesufmg@gmail.com](mailto:chrislucegomesufmg@gmail.com)

## RESUMO

Este trabalho apresenta um recorte de uma pesquisa de mestrado em andamento no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais, que tem como foco o Quilombo do Açude/MG. Neste texto, o recorte busca mapear as ações culturais realizadas por esta comunidade, fortalecida pela ampliação e divulgação de suas iniciativas na Internet. Essas ações culturais articulam-se com princípios do Turismo de Base Comunitária e aproximam-se das concepções de Afroturismo, ao valorizar o território e a autonomia local. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório, com pesquisa bibliográfica na base SCOPUS e o mapeamento das ações por meio da rede social Instagram. Os resultados parciais apontam que a comunidade do Açude tem desempenhado papel central na continuidade das tradições e na criação de novas linguagens culturais.

**Palavras-chave:** Quilombo do Açude, Ações culturais, Turismo de Base Comunitária, Afroturismo.



## 12. ENTRE DESTINO E PERTENCIMENTO: A EXPERIÊNCIA DE PESSOAS NEGRAS NO TURISMO

Rafaela de Azevedo Silva <sup>1</sup>

Solano Braga <sup>2</sup>

---


<sup>1</sup> Graduanda em Turismo pela Universidade Federal de Ouro Preto – [rafaela.as@aluno.ufop.edu.br](mailto:rafaela.as@aluno.ufop.edu.br)

<sup>2</sup> Professor Orientador – Universidade Federal de Ouro Preto – [solano.braga@ufop.edu.br](mailto:solano.braga@ufop.edu.br)

## RESUMO

O turismo, enquanto fenômeno social, reflete as desigualdades raciais e estruturais que moldam a sociedade brasileira. Embora seja associado à liberdade e ao lazer, o setor permanece marcado por exclusões históricas e pela reprodução de imaginários eurocêntricos que marginalizam corpos negros. Este trabalho analisa o Afroturismo como resposta ao apagamento histórico e simbólico da população negra nos espaços turísticos, compreendendo-o como uma prática política e cultural de resistência. A pesquisa é qualitativa, baseada em revisão bibliográfica e análise de experiências afrocentradas em diferentes regiões do Brasil. Os resultados demonstram que o racismo estrutural se manifesta nas representações e práticas do turismo, limitando o acesso e o pertencimento de pessoas negras, mas também revelam o potencial transformador do Afroturismo como instrumento de valorização da identidade, memória e ancestralidade afro-brasileira. Conclui-se que o Afroturismo contribui para a democratização do direito de viajar, para o fortalecimento da economia negra e para a reconstrução das narrativas históricas no turismo brasileiro.

**Palavras-chave:** Racismo estrutural, Afroturismo, Identidade, Pertencimento, Turismo.



# 13. ENTRE PANELAS E PATRIMÔNIO: A CENTRALIDADE DO SABER FEMININO NA GASTRONOMIA MINEIRA E A QUESTÃO DE GÊNERO

Ruth Gaia <sup>1</sup>

Denise Falcão <sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Graduanda em Educação Física da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). E-mail: [ruth.gaia@aluno.ufop.edu.br](mailto:ruth.gaia@aluno.ufop.edu.br)

<sup>2</sup> Professora Adjunta da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutora em Estudos do Lazer. E-mail: [defalcao1@gmail.com](mailto:defalcao1@gmail.com)

## RESUMO

O lazer gastronômico intrinsecamente ligado ao turismo de Ouro Preto/MG, permitiu que essa investigação, a partir de uma perspectiva de gênero, questionasse quem são as/os *Chefs* e cozinheiras(os) que alimentam os turistas com sua famosa “comida mineira”. A pesquisa mapeou e investigou de maneira qualitativa cozinhas no centro histórico em diferentes categorias, em busca de compreender a trajetória e ocupação de mulheres cozinheiras/*Chefs* de cozinha nesses locais. Os dados obtidos por meio de entrevistas semi-estruturadas possibilitam uma análise crítica da persistente predominância da liderança masculina, mesmo em contextos nos quais as equipes são majoritariamente compostas por mulheres. Além disso, os resultados indicam que parte significativa dos saberes culinários possui caráter matrilinear, sendo transmitidos entre mulheres da mesma família e posteriormente incorporados à elaboração dos pratos típicos da culinária mineira. Ao considerar os traços da colonização portuguesa no Brasil, bem como as tensões entre saberes ancestrais e estruturas patriarcais, torna-se possível afirmar que há não apenas uma associação entre o feminino e o ato de cozinhar, mas também uma centralidade do saber negro na constituição desses conhecimentos.

**Palavras-chave:** Lazer Gastronômico, Turismo Gastronômico, Ancestralidade, Cozinheiras.



## 14. ENTRE PORTOS E CAIS: GUIAMENTOS E RECAMINHOS DA PEQUENA ÁFRICA CARIOCA

Alice Santos <sup>1</sup>

Lucas Kimer <sup>2</sup>

Simone Antunes Ferreira <sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Pesquisadora na PUC/Rio da Cidade do Rio de Janeiro – RJ, [alicesantos@id.uff.br](mailto:alicesantos@id.uff.br)

<sup>2</sup> Pesquisador na Universidade Federal Fluminense da Cidade de Niterói – RJ, [kimerlucas@id.uff.br](mailto:kimerlucas@id.uff.br)

<sup>3</sup> Pesquisadora na Universidade Universidade Federal Fluminense na Cidade de Niterói – RJ, [simoneaf@id.uff.br](mailto:simoneaf@id.uff.br)

## RESUMO

Este dossiê fotográfico busca evidenciar a Pequena África, na região portuária do Rio de Janeiro, como território fundamental para a construção da memória afro-brasileira, historicamente silenciada pelas narrativas oficiais. Reconhecida como um dos principais pontos de chegada de africanos escravizados, a área constitui um espaço de profunda densidade histórica e simbólica. Locais como o Cais do Valongo e a Pedra do Sal materializam uma trajetória marcada pela violência da escravização, mas também pela resistência, pela organização comunitária e pela permanência de práticas culturais afro-brasileiras que sobrevivem apesar dos reiterados processos de apagamento cultural (Silva, 2021). As fotografias reunidas não se limitam ao registro documental desses marcos históricos; elas também revelam espaços marginalizados, frequentemente excluídos dos roteiros turísticos convencionais e da historiografia dominante. Ao fazer ecoar tais territórios, o dossiê contribui para tensionar versões hegemônicas da história nacional e para afirmar o protagonismo das populações negras na formação do Brasil. Nesse contexto, o trabalho dialoga diretamente com o afroturismo, entendido como estratégia política, cultural e educativa de valorização da cultura negra e de reaproximação com narrativas historicamente silenciadas ou distorcidas. Enquanto ferramenta de reconstrução das memórias da diáspora africana, o afroturismo promove a educação sobre as contribuições dos povos africanos e de seus descendentes, reafirmando a centralidade da cultura negra na constituição da identidade nacional. Além disso, evidencia o papel de moradores e guias comunitários como agentes ativos na preservação da memória e no fortalecimento da economia local, ampliando possibilidades de autonomia e reconhecimento (Souza, 2019). Assim, propomos uma reflexão crítica sobre a necessidade de um Rio de Janeiro afroreferenciadamente revelado.

**Palavras-chave:** Pequena África, Afroturismo, Resistência, Memória afro-brasileira e Rio de Janeiro



## 15. ESCRIVIVÊNCIA NA ACADEMIA

Leila Camila Barbosa Moreira <sup>1</sup>

Letícia Bianca Barros de Moraes Lima <sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Tecnologia em Eventos do Instituto Federal Brasília - DF, [leilacamila.bn@gmail.com](mailto:leilacamila.bn@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Geografia. Docente do Instituto Federal de Brasília. DF, E-mail: [leticia.lima@ifb.edu.br](mailto:leticia.lima@ifb.edu.br)

## RESUMO

Este relato busca abrir um espaço de escuta e diálogo capaz de acolher as diferentes experiências que, enquanto sujeito, carrego comigo no mundo. A intenção é situar o leitor nos aspectos que configuram a formação do sujeito negro em contextos marcados pelo racismo estrutural, institucional e acadêmico, compreendendo que é por meio dessas dimensões que se constroem as possibilidades de existência e produção de conhecimento. Enquanto mulher preta, mãe e periférica, reconheço que minha trajetória é atravessada por interdições históricas que negam nossa presença nos espaços de saber. Nesse sentido, a escrita torna-se instrumento político e de resistência, capaz de reposicionar as epistemologias negras e insurgentes frente às estruturas excludentes da academia. Metodologicamente, trata-se de um relato autoetnográfico e de escrevivência, em que a experiência pessoal se transforma em categoria de análise e denúncia das violências simbólicas e institucionais que nos atravessam. Os resultados parciais apontam para a necessidade de criação de práticas de acolhimento e representatividade nas instituições de ensino, reforçando a potência da escrita como ferramenta de cura, reparação e reposicionamento do sujeito negro no campo da produção acadêmica.

**Palavras-chave:** Mulher, Preta, Mãe, Pobre, Academia, Racismo, Epistemicídio



## 16. EXPEDIÇÃO VALE DO OJÔ: AFROTURISMO EM OURO PRETO- MG

Ângelo de Oliveira Gomes Teixeira <sup>1</sup>

Douglas Aparecido da Silva <sup>2</sup>

Hanster Aparecido da Silva <sup>3</sup>

Lucas Gontijo de Godoy <sup>4</sup>

Marcos Eduardo Carvalho Gonçalves Knupp <sup>5</sup>

Nathalia Machado Moutinho <sup>6</sup>

Solano de Souza Braga <sup>7</sup>

---

<sup>1</sup> Historiador, Mestre e Doutorando em História pela Universidade Federal de Ouro Preto. Integrante do Núcleo de Pesquisa Palma Preta, [angelo.teixeira@aluno.ufop.edu.br](mailto:angelo.teixeira@aluno.ufop.edu.br)

<sup>2</sup> Bacharel em Filosofia pela Universidade Federal de Ouro Preto. Integrante do Núcleo de Pesquisa Palma Preta, [aparecidoouopreto@gmail.com](mailto:aparecidoouopreto@gmail.com)

<sup>3</sup> Graduando em Geografia pelo IFMG Campus Ouro Preto. Fotógrafo, agente cultural e integrante do Núcleo de Pesquisa Palma Preta, [hanster.vr@gmail.com](mailto:hanster.vr@gmail.com)

<sup>4</sup> Bacharel em Geografia pela Universidade Federal de Viçosa. Fotógrafo e Diretor de Fotografia na Vellozia Filmes. [lucas.godoy@gmail.com](mailto:lucas.godoy@gmail.com)

<sup>5</sup> Professor no Curso de Turismo e Professor no Programa de pós-graduação em Turismo e Patrimônio da Universidade Federal de Ouro Preto, [marcosknupp@ufop.edu.br](mailto:marcosknupp@ufop.edu.br)


<sup>6</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Turismo e Patrimônio pela Universidade Federal de Ouro Preto. [nathalia.moutinho@aluno.ufop.edu.br](mailto:nathalia.moutinho@aluno.ufop.edu.br)

<sup>7</sup> Professor no Curso de Turismo e Professor no Programa de pós-graduação em Turismo e Patrimônio da UFOP, [solano@ufop.edu.br](mailto:solano@ufop.edu.br)

## RESUMO

O dossiê fotográfico “Expedição Vale do Ojô” propõe uma reflexão sobre a memória, o patrimônio e o Afroturismo em Ouro Preto. Localizado no antigo território minerário de Vila Rica, o Vale do Ojô é compreendido como um microcosmo em que se revelam as marcas da mineração e os legados dos saberes e tecnologias africanas empregados na extração do ouro no século XVIII. A partir de um referencial teórico-metodológico afrocentrado, a expedição promove uma virada epistemológica, reconhecendo a centralidade dos conhecimentos africanos na formação técnica, cultural e social da região. Essa abordagem descoloniza a narrativa turística e patrimonial ao tensionar as hierarquias de saber impostas pela modernidade, valorizando experiências e memórias negras silenciadas. A Expedição identifica o Vale como um território de resistência e reconexão ancestral, no qual ruínas minerárias e práticas culturais se articulam à memória viva das comunidades locais. Os resultados indicam que o roteiro se constitui como uma experiência estética e educativa alinhada aos fundamentos do Afroturismo, promovendo pertencimento, reconexão e valorização da presença africana na história e no imaginário turístico e patrimonial de Ouro Preto, além de inspirar práticas de Afroturismo.

**Palavras-chave:** Afroturismo, Circuito Palma Preta, Vale do Ojô, Ouro Preto.



# 17. FÉ, DEVOÇÃO E TRADIÇÃO: A TRANSFORMAÇÃO HISTÓRICA DA FESTA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS DE SUCURIÚ

Rian Santos do Patrocínio Figueiró <sup>1</sup>

Maria de Lourdes Santos Ferreira <sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Turismo da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM, [rian.figueiro@ufvjm.edu.br](mailto:rian.figueiro@ufvjm.edu.br)

<sup>2</sup> Professora orientadora: Doutora, Faculdade Interdisciplinar em Humanidades - UFVJM, [lourdes.ferreira@ufvjm.edu.br](mailto:lourdes.ferreira@ufvjm.edu.br)

## RESUMO

A Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Sucuriú, realizada em Francisco Badaró, Minas Gerais, constitui uma manifestação da religiosidade popular afro-brasileira, marcada pela fé, devoção e tradição. Com origem em 1846, a celebração reflete os processos históricos e culturais que articulam práticas africanas e católicas, configurando-se como um exemplo emblemático de sincretismo religioso e resistência simbólica. Esta pesquisa, de natureza qualitativa e caráter exploratório e descritivo, tem como objetivo investigar os processos históricos, culturais e religiosos que transformaram a Festa do Rosário, originalmente de matriz africana, em uma celebração predominantemente católica. O estudo fundamenta-se em quatro eixos teóricos: sincretismo religioso, identidade cultural, patrimônio imaterial e religiosidade popular afro-brasileira, e utiliza pesquisa documental, bibliográfica e análise de conteúdo aplicada a fontes como registros históricos, documentos institucionais e fotografias. A investigação, ainda em andamento, busca compreender como práticas e símbolos afrodescendentes foram ressignificados e, em alguns casos, silenciados ao longo do tempo, evidenciando a festa como espaço de resistência, reconstrução identitária e preservação de saberes e valores.

**Palavras-chave:** Sincretismo Religioso, Identidade Cultural, Patrimônio Imaterial, Religiosidade Popular Afro-Brasileira, Francisco Badaró.



# **18. MÃOS QUE CONSTROEM MEMÓRIAS E SONHOS: ENTREVISTA COM OS MESTRES DUCA JOÃO DE BARRO E ARLINDO GODÓIA SOBRE A RESTAURAÇÃO DA MINA DU VELOSO**

Eduardo Evangelista Ferreira <sup>1</sup>


---

<sup>1</sup> Proprietário e Idealizador da Mina Du Veloso, Engenheiro Civil,  
MSc Geociências/UFOP Universidade Federal de Ouro Preto – MG,  
[duevangelista@ufop.edu.br](mailto:duevangelista@ufop.edu.br)

## RESUMO

Apresento a trajetória do processo de restauração da Mina Du Veloso, em Ouro Preto (MG), conduzido por mestres da construção civil e que ainda mantém vivas as técnicas construtivas ancestrais — Mestres Duca João de Barro e Arlindo Godóia — e por mim, Eduardo Evangelista Ferreira, idealizador do projeto e proprietário do imóvel. Os diálogos foram realizados em meio ao canteiro de obras, ao redor de um fogão a lenha que se tornou símbolo da coletividade, do afeto e da sabedoria ancestral que orientou cada momento da obra. Os relatos abordam desde os desafios iniciais de recuperação da galeria subterrânea até a construção do receptivo em madeira e barro, empregando técnicas ancestrais herdadas da engenharia e arquitetura africanas. Essa reconstrução, guiada por uma pedagogia afroafetiva e decolonial, tornou-se também um ato político e educativo. A entrevista revela a Mina Du Veloso como símbolo da potência afrocentrada de Minas Gerais, território que reúne patrimônio, memória e legado africano capazes de impulsionar o Afroturismo mundial. O referencial teórico-metodológico é guiado pela mediação sensível, pela educação patrimonial afrocentrada e pela governança simbólica pós-extrativa, compreendendo a Mina Du Veloso como um espaço de sinergia entre ciência, ancestralidade e transformação social. Entre as reflexões surgidas nas conversas, destacam-se debates sobre a importância da reativação das ferrovias mineiras como eixo estratégico para conectar destinos afroturísticos fomentando um circuito cultural, econômico e histórico de valorização negra. A reconfiguração da Mina Du Veloso é mais que uma obra física, é um gesto político, espiritual e coletivo de reterritorialização da memória, onde o território se torna voz e o espaço se converte em texto ancestral.

**Palavras-chave:** Afroturismo, Bioconstrução, Ancestralidade, Memória, Mina Du Veloso.



## 19. MAPA DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE AFROTURISMO NO PORTAL PUBLICAÇÕES DE TURISMO DA ANPTUR

Natália Araújo de Oliveira <sup>1</sup>

Vitória Camillo da Silva Maurício <sup>2</sup>

---


<sup>1</sup> Doutora em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, [oliveira.natalia@outlook.com](mailto:oliveira.natalia@outlook.com)

<sup>2</sup> Mestra em Geografia, Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, [camillo.vitoria@gmail.com](mailto:camillo.vitoria@gmail.com)

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo sistematizar a produção científica sobre afroturismo no portal da ANPTUR, que reúne 60 revistas ibero-americanas da área. Especificamente objetiva-se: identificar o número de artigos publicados sobre o tema; analisar as palavras-chave utilizadas e observar os principais tópicos abordados nas publicações. A investigação realiza uma Revisão Integrativa de Literatura (RIL), metodologia que permite reunir, organizar e analisar estudos istematicamente, articulando diferentes perspectivas teóricas e empíricas. A busca aconteceu em novembro de 2025 na plataforma Publicações de Turismo da Anptur, utilizando o termo “afroturismo” em pesquisa geral (título, resumo e palavras-chave). O levantamento retornou treze documentos, dos quais oito atenderam aos critérios de inclusão por apresentarem o termo no título ou nas palavras-chave e por serem artigos completos. Esses estudos estão distribuídos nas revistas: Ateliê do Turismo (4), Revista Brasileira dos Observatórios do Turismo (1), Revista de Turismo Contemporâneo (1), Revista Turismo & Cidades (1) e Ritur – Revista Iberoamericana de Turismo (1). Os materiais foram lidos e sistematizados em planilhas no Excel, o que permitiu identificar sete categorias temáticas predominantes: religiões de matriz africana; afroempreendedorismo; afroempreendedorismo feminino; gastronomia e comida de terreiro; turismo em quilombos; afroturismo como prática pedagógica; e roteiros afrocentrados. Esses temas evidenciam a diversidade de abordagens na literatura e apontam para a consolidação do afroturismo como campo de investigação. Foram identificados 23 autores sem repetições, o que revela uma produção dispersa e exploratória, mas em expansão. Conclui-se que o afroturismo possui potencial para aprofundamentos teóricos e metodológicos, reforçando a necessidade de continuidade de pesquisas que articulem turismo, ancestralidade e epistemologias negras.

**Palavras-chave:** Afroturismo, Produção Científica, *Publicações de Turismo Anptur*.



# 20. NOVEMBRO DA CONSCIÊNCIA NEGRA DA FUMEC: AVANÇOS, PERTENCIMENTO E FORTALECIMENTO COLETIVO

Camila Danielle Dias <sup>1</sup>

Flávia Nolasco Reis <sup>2</sup>

Adriana Borges Teixeira <sup>3</sup>

Renata Felipe Silvino <sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> Mestranda em Tecnologia da Informação e Comunicação e Gestão do Conhecimento pela Universidade Fumec, [camila.dias@fumec.br](mailto:camila.dias@fumec.br);

<sup>2</sup> Mestranda em Administração pela Universidade Fumec, [flavia.reis@fumec.br](mailto:flavia.reis@fumec.br);

<sup>3</sup> Mestre em Física pela Universidade Federal de Minas Gerais e Professora da Universidade Fumec, [adrianab@fumec.br](mailto:adrianab@fumec.br);

<sup>4</sup> Professora Orientadora: Doutora em Ecologia, Conservação e Manejo da Vida Silvestre pela Universidade Federal de Minas Gerais e Professora da Universidade Fumec, [renataf@fumec.br](mailto:renataf@fumec.br)

## RESUMO

O presente relato apresenta os trabalhos, o contexto de produção e os resultados do evento “Novembro da Consciência Negra da FUMEC”, realizado em 2025 e desenvolvido no âmbito do projeto de extensão “Cultura, Diversidade e Consciência Negra”, da Fundação Mineira de Educação e Cultura – Universidade FUMEC. A universidade reconhece a importância de incorporar, em sua prática acadêmica e institucional, ações que promovam a diversidade e o enfrentamento das desigualdades, com especial atenção às relações étnico-raciais. O evento foi desenvolvido de forma integrada entre a comunidade universitária e a externa, contemplando palestras, rodas de conversa, diálogos, oficinas, vivências e manifestações culturais voltadas às temáticas étnico-raciais negra e indígena, incluindo dança, música e capoeira. Os resultados evidenciam impacto significativo entre os participantes, com fortalecimento da consciência racial, da afirmação identitária, do sentimento de pertencimento e do engajamento estudantil. Destacam-se os debates sobre saúde da população negra, a oficina de estética afro, que valorizou o cabelo afro em perspectiva afirmativa, e a Caminhada do Privilégio, intervenção que apresentou de forma visual e experiencial as desigualdades interseccionais envolvendo classe, gênero e raça, produzindo forte impacto emocional e reflexivo. O evento evidenciou a relevância dos coletivos estudantis na promoção da permanência, da solidariedade e do enfrentamento das desigualdades raciais, ainda que em uma universidade privada existam desafios específicos relacionados ao tempo disponível dos estudantes e à participação contínua. A conexão com o Afroturismo, a partir da rota Sensações Turismo e da Favela Pindura Saia, reforçou a articulação entre memória, território e práticas pedagógicas. Por fim, observa-se a necessidade de aprofundar a avaliação dos impactos, subsidiando a expansão e a consolidação institucional das ações de promoção da igualdade racial na FUMEC.

**Palavras-chave:** Consciência negra, diversidade étnico-racial, extensão universitária.



## 21. O AFRO NO TURISMO: UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO-APRENDIZAGEM DECOLONIAL EM UM CURSO DE TURISMO DO PARANÁ<sup>1</sup>

Renata Cristina Simões de Oliveira <sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Este trabalho é resultante de prática de ensino.

<sup>2</sup> Professora Colaboradora no curso de Turismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa-PR, [rcsoliveira@uepg.br](mailto:rcsoliveira@uepg.br)

## RESUMO

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre uma experiência de ensino-aprendizagem desenvolvida no curso de Bacharelado em Turismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), na qual foram trabalhados os conceitos de Turismo de Base Comunitária (TBC), Afroempreendedorismo e Afroturismo sob uma perspectiva decolonial. As aulas, organizadas em torno de três eixos temáticos e apoiadas por recursos audiovisuais e discussões orientadas, buscaram promover uma formação crítica e sensível às questões étnico-raciais no turismo. Como resultado, os alunos produziram trabalhos voltados à valorização de iniciativas afro-brasileiras, como a *Sampa Negra* (São Paulo) e a Sociedade Beneficente Operária 13 de Maio (Curitiba). O artigo discute as estratégias didáticas adotadas, os desafios da abordagem decolonial no ensino superior e os resultados formativos alcançados, que revelam a potência do turismo como campo de resistência, valorização cultural e transformação social.

**Palavras-chave:** Afroturismo, Afroempreendedorismo, Turismo de Base Comunitária, Ensino-aprendizagem, Decolonialidade.



## **22. O MOVIMENTO HIP-HOP DE BELO HORIZONTE COMO PRODUTOR DE CONHECIMENTO: O PAPEL DOS MC'S COMO GRIOTS MODERNOS**

Matheus Alves Magalhães <sup>1</sup>

Bárbara Bruna Ramalho <sup>2</sup>

---


<sup>1</sup> Mestrando em Educação na Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG - [matheusalvesmagalhaes@hotmail.com](mailto:matheusalvesmagalhaes@hotmail.com)

<sup>2</sup> Professora orientadora. Doutora. Faculdade de Educação, UFMG - [bbramalho@gmail.com](mailto:bbramalho@gmail.com)

## RESUMO

A proposta de pesquisa se orienta pelo conceito de cultura afrodiáspórica, tomando as suas manifestações como produtoras de conhecimento. Dentre as culturas afrodiáspóricas, opta-se por tomar o hip hop como tema de pesquisa a fim de investigar a produção de conhecimento e os processos formativos socioculturais de jovens negros. Para alcançar esse objetivo, será realizado um mapeamento das batalhas de Mc's da cidade de Belo Horizonte e uma pesquisa qualitativa, com inspiração etnográfica, com Mc's da capital mineira buscando compreender a relação dos Mc's com a cultura, com o processo criativo do *freestyle* e com o território que pertencem. Serão realizadas entrevistas semiestruturadas com Mc's negros que abordam a temática racial e social em suas rimas, além de observação participante das suas atuações nas batalhas.

**Palavras-chave:** Culturas afrodiáspóricas, Batalha de Mc's, Hip Hop, Rap.



## 23. PATRIMÔNIO DE PEDRA, PESSOAS DE CARNE: AS DORES INVISÍVEIS E O ENCOBRIMENTO CULTURAL NO TURISMO COLONIAL DE DIAMANTINA/MG

Rafael Patrício Ribeiro <sup>1</sup>

Ana Flávia Figueiredo <sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Graduado em Turismo da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), [rafael.patricio@ufvjm.edu.br](mailto:rafael.patricio@ufvjm.edu.br);

<sup>2</sup> Pós Mestre e Doutora (Antropologia) pela UFPE e pós graduada em antropologia pela UNB– UFVJM. [ana.figueiredo@ufvjm.edu.br](mailto:ana.figueiredo@ufvjm.edu.br);

## RESUMO

Este trabalho investiga o velamento/encobrimento das religiões de matriz africana (Candomblé e Umbanda) no cenário sociocultural e turístico de Diamantina/MG, um Patrimônio Mundial da UNESCO. A pesquisa parte de uma perspectiva epistemológica decolonial e antirracista, fundamentada na Pedagogia das Encruzilhadas (Rufino e Simas) e no pensamento de Nego Bispo. O estudo foi construído de forma colaborativa com as lideranças dos terreiros locais, reconhecidas como coprodutoras do conhecimento. O objetivo foi analisar, junto com essas comunidades, os mecanismos de invisibilização que as excluem dos calendários oficiais, roteiros turísticos e políticas patrimoniais da cidade, e cocriar propostas para a superação dessa realidade. A metodologia combinou pesquisa documental (análise de sites, materiais turísticos, calendários oficiais), rodas de conversa e questionários com as lideranças religiosas, seguindo os princípios da pesquisa-ação participante. Os resultados evidenciaram que, apesar de Diamantina possuir uma população majoritariamente negra, conforme dados do Censo IBGE de 2022, as religiões de matriz africana estão ausentes dos discursos e práticas turísticas oficiais. Esta ausência configura o que se denomina "velamento" — uma forma específica de encobrimento que reconhece a existência, mas nega a visibilidade. Conclui-se que esta exclusão é uma manifestação da colonialidade, do epistemicídio e do racismo religioso estrutural. Como produtos, foram gerados um documento acessível às comunidades, propostas cocriadas para inclusão respeitosa nos calendários e roteiros turísticos, e este trabalho, que se propõe como instrumento de luta política. É possível e necessário descolonizar o turismo e o patrimônio em Diamantina, reconhecendo e valorizando a pluralidade de suas heranças culturais e religiosas.

**Palavras-chave:** Velamento, Religiões de Matriz Africana, Racismo Religioso, Diamantina, Patrimônio Cultural.



## 24. PERCURSOS NEGROS EM NITERÓI

Simone Antunes Ferreira <sup>1</sup>

Lucas Vinícius Kimer de França <sup>2</sup>

Kauã de Almeida Cruz <sup>3</sup>

Felipe Claro de Paula <sup>4</sup>

Alice Santos da Silva <sup>5</sup>

Jorge Luiz Barbosa <sup>6</sup>

---

<sup>1</sup> Doutoranda pelo Curso de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense - UFF, [simoneaf@id.uff.br](mailto:simoneaf@id.uff.br);

<sup>2</sup> Mestrando pelo Curso de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades da Universidade Federal Fluminense - UFF, [kimerlucas@id.uff.br](mailto:kimerlucas@id.uff.br);

<sup>3</sup> Graduando do Curso de Geografia da Universidade Federal Fluminense- UFF, [cruzkaua@id.uff.br](mailto:cruzkaua@id.uff.br);

<sup>4</sup> Graduando pelo Curso de História da Universidade Federal Fluminense - UFF, [felipeclaro@id.uff.br](mailto:felipeclaro@id.uff.br);

<sup>5</sup> Doutora em Estudos de Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação de Estudos de Linguagem da Pontifícia Universidade Católica – PUC/RJ, [alicesantos@id.uff.br](mailto:alicesantos@id.uff.br)

<sup>6</sup> Professor Orientador Jorge Luiz Barbosa – professor do Curso de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense – UFF, [jorge\\_barbosa@id.uff.br](mailto:jorge_barbosa@id.uff.br);

## RESUMO

Este trabalho surge do crescente movimento de resgate de heranças e legados produzidos por e a partir da diáspora africana no Brasil. Narrativas e trajetórias negras ganham visibilidade através de pesquisas que buscam reconhecer e valorizar as marcas históricas da presença negra no espaço, sobretudo urbano, além de disputar a memória social das cidades. Por meio de trabalhos de campo, da arqueologia da paisagem, das pesquisas documental e bibliográfica podemos compreender os arranjos espaciais produzidos durante o longo período escravista brasileiro, ou seja, suas inscrições, heranças e memórias abafadas pelas histórias oficiais. Nesse sentido, Niterói também se encontra nesse movimento de reposicionar a população negra na sua história, através de investigações e produções acadêmicas, além do percursos de memórias negras, projeto criado em 2021 após o término da dissertação de mestrado cujo tema versou sobre as geografias das memórias negras da cidade. As aulas públicas acontecem uma vez por mês, com direcionamento para a educação pública, pois busca articular a Lei 10.639/03 com educação patrimonial. A caminhada acontece por quatro bairros do centro histórico com o objetivo de apresentar acontecimentos, lugares e personagens que não tiveram suas trajetórias reconhecidas. Com o auxílio de mapas, documentos e livros, as amefricanidades ganham contorno na paisagem corriqueira, porém rica em detalhes e informações que nos ajudam a preencher o mosaico que é a história da população negra no Brasil.

**Palavras-chave:** Niterói, amefricanidades, percurso negro, memória urbana.



## 25. PRETOS VELHOS E A SUSTENTABILIDADE ANCESTRAL

Talita Bruno de Azevedo <sup>1</sup>


---

<sup>1</sup> Aluna Especial no programa de Mestrado em Política Científica e Tecnológica na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), [contato.azevedotalita@gmail.com](mailto:contato.azevedotalita@gmail.com)

## RESUMO

Em tempos de COP30, sediada na Amazônia e voltada à liderança do Brasil em sustentabilidade, este dossiê fotográfico propõe reconhecer os Pretos Velhos - guias espirituais da religiosidade afro-brasileira - como fontes de pesquisa territorial e científica. A partir da história de Antoninho, conhecido como “Toninho do Boi Falô”, ex-escravizado e guardião espiritual de Campinas (SP), o trabalho reflete sobre o apagamento histórico e as possibilidades de justiça epistemológica na valorização dos saberes afro-diaspóricos. As fotografias e reflexões reunidas dialogam com a tradição oral, o manejo de plantas, a religiosidade popular e o papel das benzedadeiras, demonstrando como o território é um arquivo vivo. Articulando tecnologias digitais e metodologias decoloniais, a pesquisa insere-se na perspectiva de que a memória ancestral é também uma tecnologia de sustentabilidade, e que figuras como Antoninho expressam uma ciência territorial que antecede o conceito moderno de ecologia. O dossiê se relaciona diretamente ao Afroturismo, ao propor roteiros de espiritualidade, fé e memória que atravessam comunidades negras e quilombolas, reconfigurando o olhar turístico para experiências de pertencimento e cuidado com a terra.

**Palavras-chave:** Memória afro-diaspórica, justiça epistemológica, sustentabilidade, Pretos Velhos, Afroturismo.



## 26. SANKOFA - PATRIMÔNIO AFRO-BRASILEIRO E ECONOMIA AFROCRIATIVA EM OURO PRETO - MG

Ingrid Chaves Lima Ferreira Guimarães <sup>1</sup>

Marcos Eduardo Carvalho Gonçalves Knupp <sup>2</sup>

Nathalia Machado Moutinho <sup>3</sup>

Solano de Souza Braga <sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> Bacharel em Turismo pela Universidade Federal de Ouro Preto. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Turismo e Patrimônio pela Universidade Federal de Ouro Preto. [ingrid.guimaraes@aluno.ufop.edu.br](mailto:ingrid.guimaraes@aluno.ufop.edu.br)

<sup>2</sup> Professor no Curso de Turismo e Professor no Programa de pós-graduação em Turismo e Patrimônio da Universidade Federal de Ouro Preto. [marcosknupp@ufop.edu.br](mailto:marcosknupp@ufop.edu.br)


<sup>3</sup> Gastróloga pelo Centro Universitário Augusto Motta (RJ). Bacharel em Turismo pela Universidade Federal de Ouro Preto. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Turismo e Patrimônio pela Universidade Federal de Ouro Preto. [nathalia.moutinho@aluno.ufop.edu.br](mailto:nathalia.moutinho@aluno.ufop.edu.br)

<sup>4</sup> Professor no Curso de Turismo e Professor no Programa de pós-graduação em Turismo e Patrimônio da Universidade Federal de Ouro Preto. [solano@ufop.edu.br](mailto:solano@ufop.edu.br)

## RESUMO

O artigo analisa como o patrimônio afro-brasileiro, sob perspectiva decolonial, pode contribuir para a economia criativa em Ouro Preto–MG, compreendida como o conjunto de atividades que utilizam a criatividade para produzir bens e serviços, podendo ser matéria-prima ou mercadoria. Parte-se do entendimento de que as presenças negras foram historicamente negligenciadas nas narrativas e políticas patrimoniais e turísticas da cidade, reconhecida pela UNESCO desde 1980 por sua herança colonial barroca. A pesquisa utiliza abordagem qualitativa e exploratória, baseada em levantamento bibliográfico, análise documental e observação não-participante. Discute-se a formação excludente do campo patrimonial brasileiro e a necessidade de um giro decolonial capaz de revelar os saberes e presenças negras na constituição física, social e cultural de Ouro Preto. Os resultados indicam que símbolos africanos, como os Adinkras — especialmente o Sankofa, presente em gradis e fachadas — expressam resistência estética e funcionam como dispositivos de memória contra o apagamento histórico. A articulação entre patrimônio e economia criativa, atravessada pela perspectiva afrocentrada, evidencia o potencial da economia afrocriativa como estratégia de resistência cultural, valorização identitária e geração de renda. Destacam-se políticas públicas recentes voltadas ao fortalecimento do afroempreendedorismo e à valorização das expressões negras. Conclui-se que reconhecer o patrimônio afro-brasileiro como fonte de criatividade e inovação é essencial para promover políticas antirracistas e um desenvolvimento territorial sustentável, sendo o Sankofa símbolo dessa construção de futuros possíveis.

**Palavras-chave:** Economia Criativa, Patrimônio Afro-Brasileiro, Adinkras, Ouro Preto, Decolonialidade.



## 27. TERRITÓRIO, ANCESTRALIDADE E EDUCAÇÃO: A EXPERIÊNCIA DA HORTA E DA FESTA DO JOÃO DO MATO NOS ARTUROS

Silvani dos Santos Valentim <sup>1</sup>

Gabrielle Lorrane Vaz Henrique <sup>2</sup>

Rafael Braga Diogo <sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Orientadora e professora do CEFET-MG no Programa de Pós-Graduação no CEFET-MG. Coordenadora do Projeto Minas Negras/CNPq. [eresilvani@gmail.com](mailto:eresilvani@gmail.com)


<sup>2</sup> Mestranda em Educação Tecnológica pelo CEFET-MG. Atual Diretora de Memória e Patrimônio da Secretaria de Cultura de Contagem. [gabriellevh@gmail.com](mailto:gabriellevh@gmail.com)

<sup>3</sup> Atualmente está como Gerente de Museologia, Arquivologia e Bens Patrimoniados da Prefeitura Municipal de Contagem/MG e membro da Guarda de Moçambique São José Operário e São Benedito de Sabará/MG. [bdrafael@gmail.com](mailto:bdrafael@gmail.com)

## RESUMO

A experiência apresentada discute o processo de consolidação da horta comunitária e a retomada da Festa do João do Mato na Comunidade Quilombola dos Arturos, em Contagem (MG), evidenciando como essas práticas articulam território, memória, espiritualidade e desenvolvimento comunitário. O relato baseia-se em abordagem qualitativa, com observação participante, análise documental e acompanhamento das atividades entre 2023 e 2025. A partir de uma perspectiva etnográfica e interpretativa, busca-se compreender os sentidos atribuídos pela comunidade ao cultivo coletivo, à celebração ritual e às dinâmicas de transmissão intergeracional dos saberes. O estudo parte da concepção de território quilombola como espaço físico, político e simbólico, no qual se projetam identidades, memórias e tecnologias sociais próprias. Os resultados indicam que a horta comunitária, inicialmente voltada ao consumo interno, tornou-se eixo de fortalecimento econômico e educativo, promovendo soberania alimentar, autonomia produtiva e expansão para novos espaços de comercialização. A retomada da Festa do João do Mato, acompanhada da criação do João do Mato Mirim, reafirma a centralidade dos rituais como instrumentos de continuidade cultural e formação comunitária, nos quais crianças, jovens e adultos participam ativamente da preservação de saberes ancestrais, com base em práticas de educação tecnológica ancestral. Observou-se que ambas as iniciativas funcionam como territórios educativos que integram práticas agrícolas, rituais religiosos, trabalho coletivo e formação identitária, fortalecendo a permanência no território e a resistência quilombola. Conclui-se que a articulação entre cultivo, ritual e memória sustenta estratégias de autonomia, educação e afirmação cultural que se renovam continuamente entre os Arturos.

**Palavras-chave:** Território Quilombola, Alimentação, Ritualidade, Saberes Tradicionais, Soberania Alimentar.



## 28. VALORIZAR O PASSADO, PRESERVAR O PRESENTE E SONHAR O FUTURO: ENTRE MEMÓRIAS E SUBJETIVAÇÕES DECOLONIAIS DE JUVENTUDES NEGRAS PERIFÉRICAS<sup>1</sup>

Levi de Freitas Costa Araújo <sup>2</sup>

Lívia Maria de Sousa Araújo <sup>3</sup>

João Paulo Pereira Barros <sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> Trabalho resultante de uma pesquisa realizada juntamente a um projeto de extensão

<sup>2</sup> Graduado do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará - UFC, [leviprofpsi24@gmail.com](mailto:leviprofpsi24@gmail.com)

<sup>3</sup> Graduando do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará - UFC, [livi maria@alu.ufc.br](mailto:livi maria@alu.ufc.br)

<sup>4</sup> Professor orientador: Doutor, Universidade Federal do Ceará - UFC, [joaopaulobarros07@gmail.com](mailto:joaopaulobarros07@gmail.com)

## RESUMO

O presente trabalho se trata de um tensionamento entre as dimensões de memória ancestral afro-diaspórica, afrofuturismo e o tempo espiralar enquanto movimentações de (d)enunciação contranarrativa à colonialidade. Assim, tem como objetivo discutir as relações entre memória e os processos de subjetivação de juventudes negras periféricas. Para tal, o trabalho parte das afetações de uma pesquisa de conclusão de curso e da parte qualitativa do ciclo de pesquisa de iniciação científica "Violências em periferias urbanas e seus efeitos na saúde mental de estudantes de escolas públicas: um estudo com juventudes negras e LGBTQIAPN+ de Fortaleza" vinculada ao VIESES-UFC, onde foi utilizada a metodologia de pesquisa-inter(in)venção. Nesse sentido, a pesquisa se deu com juventudes do território do Grande Bom Jardim, na periferia de Fortaleza, sendo estes sujeitos da pesquisa e pesquisadores da mesma, como propõe a metodologia. Dessa forma, revelou-se a importância da relação com tempo e memória para produção de repertório contra a hegemonia colonial do saber, demonstrado pelas falas dos jovens durante suas experimentações, trazendo referenciais de família, coletivos e manifestações culturais negras do território como mananciais subjetivos importantes para suas subjetivações. Por fim, é enfatizada a importância da reafirmação de referenciais singulares e localizados para os processos contra-hegemônicos de subjetivação das juventudes negras e periféricas, através dos saberes das avós, das praças, das lembranças dos centros comunitários e com os guias nos terreiros, constituindo formas de resistência contra as narrativas de apagamento e morte colocadas sobre suas existências. Esse trabalho assim, tensiona a possibilidade de um pensar afrofuturista que fabule a partir dessas perspectivas e provoca: uma jovem pode estar bordando afrofuturos agora, enquanto pratica os saberes artesanais de sua avó.

**Palavras-chave:** Memória, Afrofuturismo, Subjetivação, Juventudes, Decolonialidade.



# CARTA BELO HORIZONTE DO AFROTURISMO



**NOTA EXPLICATIVA:** A Carta Belo Horizonte do Afroturismo é o Primeiro AFROMANIFESTO gerado pelo Congresso Brasileiro de Afroturismo – CBAfro. Sua construção foi realizada de forma coletiva por todos os palestrantes e participantes do evento que deixaram seus desejos para o Afroturismo registrados em palavras durante a realização do evento.

Sobre a coordenação do Guia Negro e da Sensações Turismo, na pessoa do Guilherme Soares Dias, Heitor Salatiel, Lucas Xavier e Thiago Bicalho, as sugestões foram agrupadas em texto, lida e aprovada pelos presentes na cidade de Belo Horizonte/MG. Que o documento subsidie ações efetivas para o turismo no Brasil e subsidie a construção de programas, projetos e políticas públicas.

Belo Horizonte, 4 de dezembro de 2025

Nós, participantes do Congresso Brasileiro de Afroturismo, reunidos em Belo Horizonte, entre 3 e 5 de dezembro, reafirmamos nosso compromisso com a valorização e promoção do Afroturismo como uma expressão rica e interligada com diversos outros segmentos do turismo.

Esta carta é o primeiro **AFROMANIFESTO** que consolida um chamado à ação, fundamentada nos seguintes pontos essenciais:

1. Instalar placas que reconheçam e celebrem a história e as contribuições da população negra em nosso país;
2. Fomentar, valorizar e criar monumentos que homenageiem figuras significativas da história negra, promovendo o reconhecimento e a educação da sociedade;
3. Implementar treinamentos continuados que visem a formação de agentes de segurança, promovendo uma abordagem que ofereça segurança ao invés de racismo;
4. Firmar o protagonismo negro no guiamento nos territórios;
5. Estimular a colaboração entre as entidades do turismo para fomentar um turismo inclusivo, diverso e representativo;
6. Garantir verbas específicas para a infraestrutura do Afroturismo exigindo um cuidado, zelo e atenção;
7. Proporcionar investimentos públicos dos governos municipal, estadual e federal em iniciativas de Afroturismo;
8. Promover encontros para estabelecer a integração entre comunidades quilombolas e acadêmicos do afroturismo;
9. Criar e divulgar editais que incentivem e financiem projetos voltados para o Afroturismo;

10. Criar e ampliar a diversidade de produtos de qualidade no Afroturismo (periferia, identidade, economia e riqueza);
11. Estabelecer narrativas que valorizem ancestralidade e conhecimentos da tradição oral;
12. Apoiar institucionalmente o Afroturismo local;
13. Mapear os afroempreendedores da cadeia turística, de forma contínua;
14. Capacitar profissionais de guiamento para o afroturismo (com bolsas);
15. Destinar recurso específico para fomentar o afroturismo (financiar destinos mapeados), incluindo quilombos.

A história não muda, mas se transforma. É essa mudança que estamos provocando e recontando por meio novas narrativas e experiências no turismo.

Que este manifesto sirva como um passo firme em direção a um futuro onde a história e cultura negra sejam celebradas e respeitadas Com afeto, afronta e construção de um futuro mais diverso no turismo. Viva o afroturismo!

**AFROMANIFESTO APROVADO E ASSINADO PELOS PARTICIPANTES DO CONGRESSO BRASILEIRO DE AFROTURISMO - CBAFRO**



# INDICE REMISSIVO



## **A**

Academia – 48

Adinkras – 70

Afroempreendedorismo – 56, 60, 70

Afrofuturismo – 74

Afrografias – 26

Afroinscrições – 34

Afroturismo – 20, 22, 24, 28, 30, 32, 34, 36, 38, 42, 46, 50, 54, 56, 60

Alimentação – 72

Amefricanidades – 66,

Ancestralidade – 22, 24, 42, 44, 54, 56

Ações culturais – 40

## **B**

Batalha de MC's – 62

Bioconstrução – 54

## **C**

Circuito Palma Preta – 38, 58

Comunidade Quilombola dos Arturos – 24, 72

Congado – 22, 24

Consciência negra – 58  
Contagem – 24, 72  
Cooperação afro-latino-americana – 36  
Cozinheiras – 44  
Culturas afrodiáspóricas – 62

## **D**

Decolonialidade – 60, 70, 74  
Desenvolvimento comunitário – 32, 72  
Diamantina – 64  
Diversidade étnico-racial – 58

## **E**

Economia Criativa – 70  
Educação – 20, 24, 26, 46, 54, 72  
Embratur – 30, 36  
Ensino-aprendizagem – 60  
Epistemicídio – 48, 64  
Extensão universitária – 58

## **F**

Francisco Badaró – 52

## **G**

Geografias Negras – 34

## **H**

Hip Hop – 62

## **I**

Identidade negra – 22

Identidade afro-brasileira – 24

Identidade Cultural – 52

Inovação social – 32

## **J**

Justiça epistemológica – 68

Juventudes negras – 74

## **L**

Lazer gastronômico – 44

## **M**

Memória – 22, 42, 50, 54, 58, 72, 74

Memória afro-brasileira – 46

Memória afro-diaspórica – 68

Memória urbana – 26

Mina Du Veloso – 54

Minas – 20

Mulher – 48

Mãe – 48

## **N**

Niterói – 26, 66

## **O**

Ouro Preto – 20, 22, 38, 44, 50, 54, 70

## **P**

Paisagem cultural – 34

Passeio guiado – 34

Patrimônio Afro-Brasileiro – 70

Patrimônio Cultural – 64

Patrimônio cultural afro-brasileiro – 24

Patrimônio Imaterial – 22, 24, 52

Percurso negro – 66,

Pequena África – 28, 46

Pertencimento – 20, 42, 50, 58, 68,  
Plano Brasis – 30  
Preta – 48  
Pretos Velhos – 68  
Produção Científica – 56  
Protagonismo negro – 30  
Publicações de Turismo Anptur – 56

## **Q**

Quilombo do Açude – 40

## **R**

Racismo – 48  
Racismo estrutural – 42, 48  
Racismo Religioso – 64  
Rap – 62  
Religiões de Matriz Africana – 56, 64,  
Religiosidade Popular Afro-Brasileira – 52  
Representações – 28  
Resistência – 22, 38, 42, 46, 48, 50, 52, 60, 70, 74,  
Reinado de Nossa Senhora do Rosário – 22  
Ritualidade – 72

Rio de Janeiro – 28, 32, 46

## **S**

Saberes Tradicionais – 72

Sankofa – 70

Sincretismo Religioso – 52

Soberania Alimentar – 72

Subjetivação – 74

Sustentabilidade – 38, 68

## **T**

Território Quilombola – 72

Turismo – 26, 42, 56, 64

Turismo antirracista – 36, 38

Turismo de Base Comunitária – 38, 40, 60,

Turismo Gastronômico – 44

## **V**

Vale do Ojô – 50

Velamento – 64



## UM ENCONTRO DA ACADEMIA COM O SABER ANCESTRAL

Este livro é um convite a conhecer o **AFROTURISMO** pela ótica de Mestres/Mestras da cultura popular, Atores Territoriais, Estudantes, Profissionais, Professores(as) e Pesquisadores(as). Foram reunidos 28 resumos apresentados durante a primeira edição do Congresso Brasileiro de Afroturismo - CBAfro, realizado em 2025 na cidade de Belo Horizonte/MG.

Esta obra, enquanto **LIVRO DE RESUMOS**, tem como objetivo tornar conhecida as pesquisas e análises dos autores e autoras na forma de um convite a aprofundar e conhecer mais o universo de produção do Afroturismo no Brasil.

Paralelamente, a obra reúne a **CARTA BELO HORIZONTE DO AFROTURISMO** que é um afromanifesto escrito coletivamente e aprovado no final do evento com o objetivo de contribuir para a criação de programas, projetos e políticas públicas que contribua com o turismo afrocentrado.

UM LEGADO  
GERADO PELO



**CBAfro**  
CONGRESSO BRASILEIRO  
DE AFROTURISMO

ISBN: 978-65-987255-1-8



9 786598 725518